

AZULEJOS

*Semanario illustrado
de Sciencias Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Segunda-feira, 2 de Novembro de 1908

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. do Arco da Graça, 42, 1.º LISBOA	Officinas d'Impressão e composição A LIBERAL R. de S. Paulo, 216
--	--

Tiragem 4:000 exemplares

DE RELANCE...

EM QUE PARAM AS MODAS

4.ª SERIE

Brindes seman-
aes aos nossos
assignantes e an-
nunciantes.

2.500\$000

ou

1.200\$000

por um vintem!

Condições do Sorteio

Ver se n'estes
numeros



está contido o numero da **SORTEGRANDE** da **LOTERIA PORTUGUEZA** de 6 de **NOVEMBRO**; se estiver, o possuidor d'este jornal tem direito ao **DECIMO 1389** para a **LOTERIA PORTUGUEZA** de 13 de **NOVEMBRO** de 1908.



—Oh minha senhora, que felicidade encontrar V. Ex.ª! Esqueceu-me o guarda chuva em casa...

Aluga-se

As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da pêle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da pêle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores à consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da pêle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizer se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere.»

— «Tem tendencia para a violencia para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?»

— «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS A ESTA REDACÇÃO

ALBERTO FERREIRA

MÉDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.^o-D.

Consultas das 10 as 11

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

JANUARIO & MOURÃO

Ourivesaria e relojoaria

Grande quantidade de artigos em estojos proprios para brindes, desde 1\$000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.

Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92-A

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A



Fornecedores da Casa Real

82 — RUA DA VICTORIA — 88

Exposição permanente

166 — RUA DO OURO — 170

Instalações completas para agua gaz e electricidade
Grande sortido de lustres em todos os generos

GATO PRETO

R. de S. Nicolau, (esquina da R. do Crucifixo)

Li ndissimos objectos para brindes

Caracteristicos e originaes modelos em

LOUÇA DAS CALDAS

Artigos de Pintura

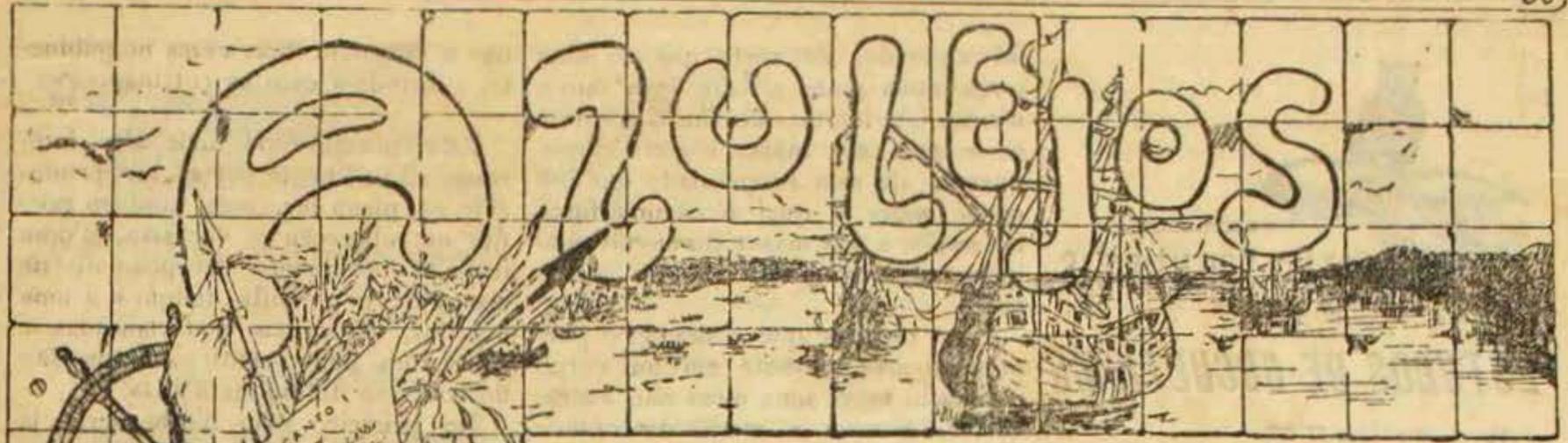
Tintas a oleo d'aguarella e pastil. Vernizes, telas, pinceis, papeis e todos os artigos proprios.



FETICEIRO



DAS TREVAS



*Semanario illustrado
de Sciencas, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DO ARCO DA GRAÇA 42 1.º
LISBOA

Segunda-feira
2 DE NOVEMBRO DE 1908

Condições de assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs
Colonias 400 •
A cobrança pelo correio é augmentada de 60 réis.

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem: 6000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS

— E' necessario, doutor, que a mulher conquiste o lugar que de direito lhe compete no meio social... A mulher ha-de agitar-se e lutar, doutor... Ha-de formar ligas monarchicas, republicanas, anarchistas, todas as ligas possiveis... O homem não pode jamais ser o representante do sexo forte, a besta-fera, doutor...

— Tudo o que quizer, senhora D. Pau-pau, mas a mulher está ainda muito longe de atingir a méta da civilização moderna.

Assim dialogavam um joven e philosophico advogado, ha pouco saído da chocadeira coimbrã e atirado ex-abrupto para o pardieiro da Boa-Hora, e a D. Paulina, menina espevitada, provocante e ciosa das suas theorias, instruída com uns conhecimentos geraes dos folhetins do Seculo e ligeiras lambuzadelas de francês macarronico.

— A mulher, do seculo XX doutor, não deve permanecer no ramerrão bestializador da lida caseira, remendando as ceroulas ou pespontando as peúgas do homem que a foi comprar n'uma igreja, tornando a sua escrava, mercê de uma lei ignobil e retrógrada.

— Tudo isso é verdade, D. Pau-pau. Tem carradas de razão, mas... cá vem o *mas* fatal, a mulher, que até se arroga o direito de votar e ser votada, está ainda muito affastada do anno de 1908, apesar de n'elle viver — retorquiui-lhe o advogado, paulatinamente e com um risinho sardonico.

— Aonde quer chegar, vamos explique-se?!...

— Ora... V. Ex.ª conhece a moda, sabe o que ella é?!

— A moda, doutor, é o ultimo grito da civilização.

— Pois não foste! A definição será realissima para V. Ex.ª, que a veste, agora, para seu marido, que a paga, creio piamente ser a moda o ultimo grito do Pinhal d'Azambuja.

Ora, minha rica senhora, enquanto V. Ex.ª e as restantes mulheres, tiverem o furor da ultima moda, fiel representante do espirito comico do ratão que para desopilar o figado, magicou trazel-as amestradas ou acorrentadas como macacas á phantasia do córte da thesoura e ao capricho das suas rendas, plumas e preguiinhas, ninguém as poderá tomar a serio.

— Queria talvez vê-nos de tanga? A moda representa a evolução...

— Sei o que vae dizer-me atalhou elle. Será e fará tudo que a V. Ex.ª aprouver, mas é necessario operar na medida da sensatez. Quando a evolução chega á affi-

nação do uso actual, torna-se retrocesso, converte-se em abuso, desproposito, loucura, palhacice ou cousa semelhante.

— Não vejo motivo para tanto dispausterio!

— E' que V. Ex.ª não attende aos conselhos do seu toucador. Já reparou nas suas mangas com ba-lão ora em baixo, ora em cima, ora no meio?!... Já notou as proporções desmesuradas do seu chapéu, que, attendendo á tal *evolução*, ha-de crescer a ponto de ser transportado n'uma carroça? Acredite V. Ex.ª, dentro em breve, quando lhe' fôr mister visitar uma das suas amigas, o precioso e exquisitissimo traste, ornamento do seu topete, terá de ficar á porta da rua ou de ser guindado pela janella, por que não dará volta na escada do predio!

— Acho-o d'um descaramento inaudito! replicou a Pau-pau de-veras ruborisada, fazendo boqui-nha e assanhando muito a batata. Estou velha para palito. O senhor é um insolente... se estivesse aqui o meu marido...

— Mil perdões, minha senhora. Quiz atacar franca e lealmente a theoria de V.ª Ex.ª A doutrina é accetivel... na essencia. A mulher tem razão, mas...

— Mas... o quê?!...

— E' necessario que se vá des-pir, para depois apparecer e re-claimar o seu direito.

LAMPARINA.



NOTAS SCIENTIFICAS

ESTUDOS DE OCCULTISMO

Lei da reacção ou de evolução

E assim tudo o que quizerdes
que vos façam os homens, fazei o
vós igualmente a elles.
S. Mathews—VII—12

Todos os mundos que entram na formação do Universo, são constituídos por uma substancia que, como aquella que no mundo physico nos impressiona os sentidos, se nos apresenta sob dois aspectos differentes, com duas modalidades distinctas, polarizada em força e materia, activo e passivo, macho e femina.

Força e materia, tomadas isoladamente são puras abstracções, que a nossa mente é incapaz de comprehender. Mas, quando intimamente unidas, apresentam-se-nos variando em cada mundo, conforme o seu gráo de perfeição.

No mundo physico, que ora habitamos, existe a substancia cosmica sob estados tão diversos que, se compararmos a substancia grosseira que entra na constituição de uma rocha, com a substancia vaporosa e proteiforme que forma as nuvens, nenhum ponto de semelhança se nos revelará á primeira vista.

Se comtudo examinarmos o mundo physico de camada em camada, começando pelos corpos mais pesados e seguindo pela ordem de sua densidade, veremos que a materia que o compõe, se vae a pouco e pouco tornando mais fina, mais subtil, até atingir primeiro a camada liquida, em seguida a gazosa.

—Podemos observar estados diversos de transição entre as tres camadas—solida, liquida e gazosa: a saber corpos no estado pastoso e vapores. Em todos os phenomenos da Natureza encontramos estados analogos de transição, e é mesmo nesta consideração que se funda, e realisa a concepção da unidade de tudo quanto existe.

Mas seja qual for o mundo onde a substancia cosmica se observa, ha sempre caracteres pelos queres a podemos conhecer, propriedades essenciaes, inseparaveis de ella e que por toda a parte a acompanham. A primeira e principal de estas propriedades é a inercia; de ella são derivadas todas as outras—a impenetrabilidade e a impressão sobre o nosso eu.

A inercia é uma propriedade da substancia cosmica, em virtude da qual uma porção limitada de essa substancia, isto é, um corpo, conserva indefinidamente o movimento de que

foi animado, de sorte que só uma força nova pode alterar esse movimento. A inercia de um corpo mede-se pela sua massa; e é em consequencia de esta propriedade que um corpo sobre o qual actua uma força lhe oppõe a sua massa, desenvolvendo uma força igual e contraria á reacção.

É á reacção que é devido o phenomeno que consiste em um corpo collocado sobre uma mesa não a atravessar, porque a mesa desenvolve uma reacção igual e contraria á acção da gravidade, que por esse facto fica neutralizada.

É tambem á reacção que é devido o desenvolvimento da força centrifuga, os phenomenos da inducção electrica e muitos outros.

Esta propriedade, que depende da massa dos corpos, não se torna bem evidente senão entre corpos que possuem sensivelmente a mesma densidade. Assim, se, em vez de collocarmos um corpo sobre uma mesa, o collocarmos á superficie de um liquido, a massa de este será facilmente atravessada, e a reacção manifestar-se-ha apenas pela diminuição do peso do corpo, segundo a lei de Archimedes.

Do mesmo modo o fluido electrico, percorrendo um fio metallico, faz que este desenvolva uma resistencia, que se oppõe á sua passagem, e que tem por effeito diminuir-lhe a velocidade. Neste caso é insignificante a reacção, mas se puzermos dois fios em presença um do outro, a electricidade que fizermos passar num de elles, desenvolverá no outro uma reacção que provocará uma corrente de sentido contrario.

(Continua)

ARTHUR BENONI.

ESPIRITISMO

MATERIALISAÇÕES

Com a medium Eusapia Paladini

(Continuação)

O medium assustado procura desembaraçar-se, põe-se a gritar e pede soccorro aos assistentes.

Mas a mão não lhe larga a cabeça e continua a puxal-a para traz como para leval-a ao interior do gabinete.

N'um dado momento essa mão retira-se, mas em breve reaparece acompanhada d'uma outra mão; e as duas, como as precedentes, pela disposição dos polegares, são uma direita e outra esquerda; e pela identidade de traços característicos, parecem pertencer a uma mesma pessoa, verosimilmente um homem. Emquanto M.^{me} Paladini grita e protesta, essas mãos a tomam pelos dois lados da cabeça e continuam a puxal-a para traz, de modo

que a internam duas vezes no gabinete, cobrindo-a com as cortinas...

Este episodio é do mais alto interesse, não sómente por se ter produzido em plena luz, mas tambem porque me offereceu a occasião, d'uma maneira totalmente excepcional, de observar, por muito tempo e a uma boa luz, as fórmias materializadas, e sobre tudo poder sentir a impressão do contacto de muitas d'ellas.

No primeiro caso d'esta serie, já descrevemos uma fórmula materializada, constituida por uma mão que, coberta com a cortina, apertava successivamente a mão dos espectadores. No segundo caso da mesma serie, observamos a formação d'um membro toraxico inteiro, que tomando um copo collocado sobre a meza, o levantou e aproximou dos labios do medium.

Ora em ambos os casos, attendendo aos movimentos executados e á força manifestada pelas fórmias materializadas, podiamos já racionalmente supôr, que ellas fossem dotadas d'uma organização propria e verdadeira, igual á dos seres humanos e vivos.

Com effeito, nas condições de luz, duração, tempo e distancia, em que me encontrava deante do medium, que me toca e acaricia, pude á vontade apreciar-lhe o valor, a consistencia e grau de calor.

É quando, com o pollegar contra o index, me eram apertados a ponta do nariz e o lobulo da orelha, pude notar uma pressão e uma tracção para traz, como me poderia produzir a mão de uma creança de tenra idade.

Posto isto, a tepidez que se desprendia das pequenas mãos, os movimentos de flexão, de extensão, de opposição de dedos, a pressão e tracção para traz, exercida por ellas, são dados efficazes em favor de nossa deducção: isto é, que se trata d'uma mão viva, provida d'um substractum osseo, que lhe constitue o vigamento; de musculos, tendões e tecidos, todos proprios d'uma mão, vivificada por vasos em que circulam agua e sangue, animada por um systema nervoso que lhe imprime todos os caracteres das energias vitales.

A segunda phase do episodio, posto que não se trate de verificação por contacto directo, apoia tambem nossa affirmativa, atinente á apparição de duas mãos que por muitas vezes tomaram a cabeça de Eusapia, para a impellir ao interior do gabinete contra sua vontade.

A força d'attracção manifestada por estas mãos contra a resistencia d'Eusapia (que eu e M.^{me} Ramorino, como fiscaes, pudemos verificar) demonstra a seu turno, que as mãos apparecidas — mãos d'uma pessoa robusta e verosimilmente mãos de homem — deviam tambem ser dotadas d'uma organização completa, que com maior numero de dados attribuímos ás mãos de creança já descriptas.

(Continua).



O meu revolver

• POR

J. da Camara

A melancolia é talvez a peor das doenças, causadora de grande parte de suicídios, milhares de vezes causadora da morte.

Tentar descrever as phases todas de um ataque de melancolia, seria tentar um impossivel, seria portanto uma loucura. O melancolico tem caprichos de velho e birras de creança. Detesta igualmente o dia e uma comedia, porque são alegres; a noite e um drama, porque são escuros.

E depois parece, que a fatalidade persegue os pobres melancolicos. São elles que säem sempre de chapéu de chuva no dia mais bonito do anno e que apanham as cargas de agua no pino do verão.

Aquelle rapaz pallido, macilento, de longas madeixas de cabello loiro, e sem força, triste, frenetico, seria um optimo rapaz, alegre, espirituoso, conversador, se não tivesse a desgraça... de ter figado.

• •

Era em dezembro.

O sol morria depois de curta vida. A tarde estava fria e o vento cortava.

Triste, cansado, depois de um dia inutil, voltava para casa silenciosamente, mastigando um charuto que achava detestavel.

Pesava-me como uma cruz de ferro a ociosidade que não pudera combater.

A melancolia apoderára-se de mim e envolvia-me a alma, como que num lenço humido e frio.

Bandos de operarios voltavam do trabalho, alegres, socegados, interrompendo com cantigas do fado as suas conversas sobre politica.

Aquella alegria irritou-me como se fosse um insulto. A hypocondria começava a revelar-se sob a phase egoista.

Eu caminhava pensativo, mas o meu pesamento era incerto, como deve ser o de um doido nos primeiros momentos de loucura. Pensamentos mal definidos, atropellavam-se no meu espirito e succediam-se sem razão como sonhos inquietos.

Sentia vagas soudades do passado, desejos mal definidos de outro tempo e era tudo triste, triste.

• •

Subi a escada ingreme que conduzia ao meu quarto andar e achei-me em casa quasi que sem dar por isso.

Os ultimos raios de sol, entrando pela janella entreaberta vinham morrer, allumiando fracamente uns velhos retratos de familia immoveis de ha muito nas suas molduras carunchosas.

Estava só.

Pucei de uma cadeira e sentei-me á janella, resolvido a esperar com paciencia a noite que ao mesmo tempo desejava e temia.

A atmosphera estava humida e pesada.

Na rua havia profundo silencio.

O occidente estava carregado de nuvens negras orladas por uma franja doirada. Parecia o panno enorme de um grande caixão.

O sol, descendo, diminuia em brilho a pouco a pouco a orla dourada, mas a nuvem crescia impellida pelo vento da barra e ameaçava em breve toldar o céu.

Appareceu a primeira estrella.

Fitei-a com amor, lembrando-me de que ninguem talvez aquella hora tivesse dado por ella.

Aquella estrella estaria talvez no ceu, brilhando tão sómente para mim.

E senti não sei que satisfação intima com aquella ideia: para mim só!

Puz-me a fital-a com amor, fallei-lhe, consolou-me e durante toda aquella tarde foi este o unico momento em que tive amor á vida.

Um empregado do gaz passou pela rua, accendendo o candieiro e assobiando uma polka.

Ouvi uma voz por cima da minha cabeça.

— Menina Maria! Menina Maria!

Era a voz do meu visinho da traqueira, um empregado de uma casa de penhores, feio, bexigoso e rachitico.

— Está o gaz acceso. São horas de começarmos a conversar.

Numa janella do outro lado da rua, appareceu o rosto pallido e triste de uma rapariga *coquette* e tola, que de dia namorava o boticario e de noite conversava com o bexigoso.

— Muito boas noites, menina Maria.

A menina Maria começou de fazer-lhe signaes que queriam dizer, creio eu, que adiasse para mais tarde as declarações de amor, porque eu os estava escutando.

— O quê? perguntou o bexigoso. Não percebo. E' pena estar o tempo de chuva.

— E' pena, é! Pouco poderemos conversar.

D'aqui a pouco chove. Olhe não vê?

Está aquella nuvem quasi tapando aquella estrella. E apontou para a estrella que fóra até alli o meu enlevo.

Dei um murro no parapeito da janella e fechei-a desesperado.

• •

A nuvem negra, para provar que o bexigoso não era tolo de todo, deixou cair como prologo de maior chuveiro, uns poucos de grossos pingos de agua que vieram bater tristemente nos vidros da janella.

Accendi um velho candieiro de azeite e recostei-me numa poltrona de oleado, onde dei largas aos meus tão merencorios pensamentos.

Decididamente eu odiava a vida.

E que me prendia a ella? Era uma cadeia de oiro a que em outros tempos me prendera, mas viera a desgraça com o seu implacavel martello quebrar-lhe um e um os elos todos.

— A morte!

E machinalmente peguei no revolver.

Era um revolver americano, bonito, de systema engenhoso, com fechos de prata, que me saíra num baçar de caridade.

(Conclue no proximo numero).

INVERNO

Dezembro, agreste, frígido, inclemente!...
Folhas pendidas, gottejando pranto,
(Talvez chorando seu perdido encanto!...)
Campos-cobertos pela neve algente!

Assim na vida, a quadra florescente
Foge veloz ao nosso olhar, e enquanto
Q'remos dete-la em seu gelado manto
Envolve-nos o inverno cruelmente

Aperta o frio intenso, cáe o gelo,
Resfria as expansões, cobre o cabello,
Mata cruel a ultima illusão!

Congela em nós o riso, as alegrias!...

Mas p'r'a magoa, p'r'a dôr, p'r'a's agonias
Fica sempre de fogo o coração!!!

JULIA GUSMÃO.

Horas de revolta

Desafio

Atabafar-me os gritos da Consciencia
Que venha a tyrannia cavallar;
Que venha essa bachante de *excellencia*
Pôr em cinza o vulcão do meu pensar.

E que traga tinindo p'ra a guardar
As Espadas em grande refulgencia;
Que traga mil canhões a fumegar;
Que venha toda cheia de inclemencia.

Se apenas sam p'lo medo os seus intentos
De nada servirám esses inventos,
Que eu hei-de proseguir serenamente.

E só p'la morte, a negra e feia escoria,
Alcançará por fim sua victoria,
Mas em sangue banhada ardentemente!

EDMUNDO D'OLIVEIRA

GRAVURAS

Alugam-se nesta redacção
a preço modico.

Guitarra de Romanol

101

Meia noite em badaladas
Cae da torre do convento
E as almas enamoradas
Vão noivando em pensamento.

102

Se tens pouco, meu amigo,
Não lamente a pobreza,
Que um simples bago de trigo
É um cofre de riqueza.

103

Dizes que a minha alma triste
Ao teu muito amor se esquiva;
Não entra amor onde existe
Uma paixão rediviva.

104

Leio tão bem n'esse olhar
O que te vae lá no fundo,
Como em hostia do altar
A vida de todo o mundo.

105

Se a miseria se transporta
A' mansarda mais singela,
Entra a fome pela porta
Voa a honra p'la janella.

PHILOSOPHANDO

DUAS ordens de factos teem fortemente prendido a nossa attenção, durante a semana finda; a saber:

O encerramento das lojas ás 8 horas da noite e o avultado numero de crimes de assassinio perpetrados paiz em fóra.

A nossa razão, que quasi se recusa a acreditar na possibilidade de correrem parellhas, actos tão antagonicos, tão paradoxaes, é forçada a acceital-os, porque a Verdade, ora amavel, sorridente, triumphante, lhe nomeia, nas columnas dos diarios, os commerciantes que vão enfileirando ao lado dos que apoiam o encerramento dos estabelecimentos ás 8 da noite; ora triste, horrorosa, crudelissima, lhe narra minuciosamente, episodios sangrentos que teem por desfecho: a cadeia, o hospital, o necroterio.

Pois não haverá motivos de sobejo para demoradas reflexões, o vemos erguer-se de um lado, uma multidão ávida de Liberdade e de Vida, parecendo conscia dos seus Deveres e dos seus Direitos, procurando, pelo encurtamento das horas de trabalho, a conservação e o prolongamento dessa Vida — unica Propriedade que não é dado ao Homem adquirir e que a todo o transe elle defende; e, de outro lado, surdir e engrossar uma horda de degenerados, de doentes, de mal intencionados emfim, negando aos seus semelhantes, n'uma furia de sangue, n'uma tremenda manifestação de selvajaria, de ferocidade, o mesmo Direito de Vida, o mesmo Direito de Propriedade?

A que conclusões chega o nosso raciocinio analisando a frio procedimentos tão oppostos?

Que ideia, se pôde formar de um povo que se mostra cheio de pruridos de Civilisação, de Humanidade e, ao mesmo tempo, apresenta demonstrações claras, evidentes, de Retrocesso, de Barbarie?

Uma unica illação se pôde tirar: e é a de que nós, os homens de Portugal, por defeito de educação, de raça, de meio, estamos eivados de falsos e terriveis Preconceitos que não só nos impedem a elevação do nivel moral e intellectual, como tambem nos tornam brutal, estúpida, ferozmente Egoistas.

BENTO MANTUA.

Rubra Digitalis...**Psalmos**

Vaidade

...Se eu sou vaidoso, Amôr, como ninguém!

E sei perfeitamente que a Vaidade
É crime sem perdão que todos têm
Por toda a criminosa humanidade.

Quando era pequenino, minha Mãe
—A pomba de doirada castidade—
Fugia a que beijassem o *seu bem*—
Ha beijos que só traze:n a maldade...

Minha Mãe foi por mim muito vaidosa;
Mas vaidade d'amor—sublimidade!
É joia de virtude a mais preciosa!

Eu que te adoro, ó santa na bondade,
O' Virgem sem equal, ó mais formosa,
Vaidade debes ter d'esta vaidade!

A voz dos choupos

(Albarquel)

Ha quantos mezes te não vejo eu?
Ha quantos mezes deixo de te vêr?
Ha dez? Ha vinte? Não no sei dizer...
Basta que o saiba o Pae que está no Ceu...

Letra nenhuma. Não te escrevo.. Embora!
Mas sei que vives, é o meu consolo,
Diz-m'o o retrato que trouxeste ao collo
E me deste a chorar ao bota-fóra.

Ha mezes sem te vêr, e, ainda mais:
Sei que foste em piedosa romaria
Lêr versos que escrevi pelos choupaes.

Que te disseram esses troncos rudes?
Ainda cantavam odes de alegria,
Ou choravam como agua nos açudes?

Delicioso pungir ..

Meu caro Garret, tu bem n'a
scotiste melhor que ninguém!

A. Nobre.

As andorinhas, Anjo! vão chegando
A' nossa linda terra portugueza...
E veem alegremente, chireando,
Trazendo essa alegria onde ha tristeza.

Santificados! Veem a rir, sonhando
Sómente, como ensina a Natureza,
Nos novos larés, assim engrinaldando
Os telhados vetustos da deveza!

Ai, vida alegre, que é viver, sonhar!
Fundir no mesmo sonho as nossas almas,
Raparigas gentis, noivar, noivar!

As andorinhas chegam aos casaes
Entre beijos d'amôr, entre mil palmas:
Só tu partiste e não voltaste mais!

Lisboa-Setembro 908.

ASTRIGILDO CHAVES.

A Ti...

De ti-oh! Mulher amada
Meus olhos andam tão cheios,
Que vivem do mundo alheios
Sem verem d'elle, mais nada.

Não andas de mim ausente
Muito embora não te veja...
Nem julgo preciso seja
Para trazer-te na mente.

Tu'alma assenhoreou-se
Da minha, com tal poder
Que o teu mal, faz-me soffrer
Como se meu proprio fósse.

Passam horas a sonhar
Os meus sentidos doentes
Co'a fiada dos teus dentes
Branquinhos como o Luar.

O não vêr-te, não acalma
Este meu louco desejo
De dar-te, n'um longo beijo,
O Todo desta minh'alma.

Já vês pois, meu lindo Bem
Que eu ando de ti tão cheio,
Que vivo do Mundo alheio
Sem d'elle vêr mais ninguém.

BENTO MANTUA

Pensamentos

O trabalho paga as dividas; o desespero
augmenta-as.

FRANKLIN.

Soffres injustiças? Consola-te; a verdadei-
ra desgraça é pratica-las.

PYTHAGOROS.

A honra dos homens cresce ao sol; a das
mulheres floresce na sombra!

M^{me} GUIZOT.

A bondade é o unico encanto permitido
aos veihos; é a garridice dos cabellos bran-
cos.

OCTAVE FEUILLET.

No seio maternal repousam o espirito dos
povos e as suas virtudes; isto é: a civilisa-
ção do genero humano.

AIMÉ MARTIN.

Se despresarmos uma injuria, ella cahe por
si mesmo; se nos mostrarmos offendidos,
damos-lhe valor

TACITO.

MARTYRIO DE MÃE

A Abel Gomes Botelho.

(Suggestido no seu conto «Sem Mãe»)

A nortada agreste dobra os ramos das arvores, ora em arrancos de titanica agonia, ássobiando convulsa, ora gemendo as notas tristonhas d'uma desgraça infinda...

leito, n'uma explosão d'esse grandioso sentimento... o amor de mãe!... e beijando-o, humedecia-lhe o pequenino e transfigurado rosto com ardentes lagrimas... essencia da sua dôr!..

Depois, affastava-se e corria loucamente pela misera habitação em busca d'um remedio que a sua mente ensandecida idealisava, para vir de novo ajoelhar-se junto desse pequenino ser agonisante, que, ao vela, lhe estendia os esqueleticos bracitos como que a supplicar-lhe piedadel...

daver, que breve desapareceria no labyrintho mysterioso da transformação universal!

Lá fóra a nortada agreste dobrava os ramos das arvores, ora em arrancos de titanica agonia, ora gemendo as notas tristonhas d'uma desgraça infinda...

Lx.º 18 outubro 908

MAC-IL LERNO.

Portugal pittoresco



MONTEMOR-O-VELHO.—Ponte da Carapinheira

Quando em quando, enormes faiscas de sinistras fulgurações, descrevem pelo espaço caprichosos traços de fogo que veem romper o manto tenebroso que envolve a Natureza!

Ceu e Terra parecem confundir-se no mesmo oceano tempestuoso de raiva e loucura!...

Ao ribombo do trovão, echoando pelos sinistros reconcavos de agudas montanhas, vem juntar-se o ruido enorme das aguas despenhando-se em insondaveis precipicios!

Ao longe... muito ao longe... na escura tela do horizonte destaca-se uma luz pequena e vacillante... E' a janella d'um musgoso casebre, no interior do qual, á luz baça d'uma candeia, se está desenrolando o mais sombrio drama que o espirito humano pôde imaginar!

N'um velho e carunchoso bercito, debate-se nas vascas d'uma suprema agonia, uma creancinha, tendo de joelhos a seu lado, n'uma dolorosa attitude de desespero, aquella a quem devia a existencia... a mãe!...

Ouvindo a respiração offegante do seu filhinho querido, ella erguia o do

Uma convulsão mais forte lançou-lhe no rosto congestionado a expressão medonha da derradeira agonia!

E ella... a pobre mãe, furiosa da sua impotencia, louca pela dôr suprema que a dominava, ergue-se desgredada e terrivel, despedaçando as carnes, e, offegante... a soluçar, foi cair aos pés d'um crucifixo, que a luz da candeia mal allumiava!...

—«Oh! Meu Deus! Salva-o!

Deus de infinita misericordia... soccorre o meu pobre filhinho que agonisa! Oh! sim... dá-lhe a minha vida... o meu sangue!...

Salva-o... meu Deus!»

...E o Christo n'essa imobilidade sombria e tetrica, tinha á flôr dos labios um sorriso hediondo e mau!

As chagas do seu corpo nú, d'um vermelho escuro e repellente, eram outras tantas boccas que se escancaravam n'uma gargalhada ironica!...

E a pobre mãe chorava... chorava sempre!

A morte veio por fim arrancar ao soffrimento essa debil creaturinha; e, quando a mãe voltou a abraçá-lo, apenas estreitou contra o peito, um ca-

RESPOSTA

Ao distinto camarada Edgard Ayres

Se a alma é feia ou bonita—
Diz um dictado vulgar:
Ha de sempre reflectir-se
Num feio ou bonito olhar.

Assim, sendo a alma santa
E' santo o olhar tambem.
E a mulher só me encanta
Quando uns lindos olhos tem.

MANOEL CHAGAS.

DEFINIÇÕES

Agiota: Um preguiçoso que trabalha como um negro para não trabalhar.

Altercação: Conversa entre marido e mulher.

Arma d'agulha: Especie de buril muito penetrante que serve para modificar as cartas geographicas.

Banho: Um remedio preventivo para a gente limpa; um curativo para as pessoas sujas.

Rugas: As cicatrizes da vida.

PHANTASIAS

Amar é soffrer

(Conclusão)

Logo que chegou a Lisboa, Joanna obteve collocação como creada de servir em casa d'um potentado capitalista que tinha um filho que embora fosse novo ainda, estava já eivado de vicios e de maus costumes, como o está quasi toda a mocidade que dia a dia mais se lança no caminho da desmoralisação, e portanto da desgraça.

Não tardou por isso que Alberto— assim se chamava o joven—se não enamorasse *phantasticamente* da formôsa Joanninha, que desconhecêdora do mundo, da malicia, e dos planos que esses jovens *sedentos de sensualismo* manejam para lançarem na desgraça as donzellas provincianas, inexperientes da vida, se lhe entregou franca e amavelmente, confessando lhe o seu puro amor, confissões a que elle respondia com outras tantas phantasticas e assim embebida n'essas juvenis illusões, Joanna um dia illudida por promessas estonteantes, longe de se cumprir, deixou se desflorar por Alberto, que depois de a ter lançado no caminho da prostituição, alcançou de seu pae permissão para a expulsar da sua casa, pedido que lhe foi conferido... E assim a Joanninha, sem casa, sem vida e sem honra, chorava tristemente a sua sorte, e ao lembrar se de sua pequena aldeia recordava-se tambem de seus paes que a esse momento deviam estar chorando a perda de sua extremosa filha que lhes tivêra desobedecido...

E era assim, enlevada n'esses pensamentos, que Joanna sem a belleza que possuía n'outros tempos, e com a magua no coração, ficava dormitando todas as noites pelas ruas exposta á chuva e ao frio, emquanto que á mesma hora Alberto, o seu infame desfloradôr, passava as noites em finos leitos de sumáuma entregue nos braços de qualquer amásia...

Era uma manhã de Dezembro, fria e chuvosa. Sentada no passeio d'uma das ruas mais centraes de Lisboa estava Joanna com um parecer triste e abatido, e dos seus olhos corriam algumas lagrimas. Junto a si ella aconchegava uma loira creancinha, a fim de a cobrir da chuva que em gottas miudinhas cahia ininterruptamente.

De repente, porém, ouviram-se rumores, de carruagens que seguiam umas após outras. Joanna levantou-se rapidamente e misturando-se com a compacta massa de povo que na egreja esperava a chegada do trem que conduzia os noivos que se iam unir pelos laços matrimoniaes, pôde divisar então o rosto de Alberto que seguia sorridente e vaidoso, dando o

braço a uma fidalga, sua futura mulher, a quem ia desposar.

E a pobre Joanna afastando-se como que allucinada do pé d'aquelle espectáculo que lhe feria o seu coração de camponesa pobre mas sincera e leal, pôde então, bem tarde, comprehender olhando o filhinho que tinha nos braços, e que pertencia a Alberto, a verdade que encerravam as palavras que seu pae lhe houvera dito na aldeia: *Amár é soffrer...*

Ha dias tive conhecimento que a desditosa Joanna houvera fallecido no Hospital victimada pela tuberculose...

J. FONTANA DA SILVEIRA.

Lisboa, setembro 1908.

A NOSSA ESTANTE

Actores portuguezes.

Collecção de bilhetes postaes illustrados. Acaba de ser posta á venda uma esplendida edição de bilhetes postaes da Casa Africana, da rua do Arsenal, contendo dez dos nossos mais queridos e apreciados artistas dramaticos.

As caricaturas são devidas ao apurado lapis d'um dos directores artisticos do nosso semanario, o sr. Candido Craveiro, um novo de muito merecimento e rara habilidade, que os nossos estimaveis leitores sobejamente conhecem pelo grande e variado numero de magnificos trabalhos com que tem illustrado as paginas do «Azulejos».

C. Craveiro, o auctor das *Mascaras Illustres*, a parte mais importantedo nosso primeiro concurso artistico, deve estar satisfeito com o acolhimento que o publico tem feito aos seus postaes dos Actores Portuguezes, primeira serie da vasta collecção que pretende publicar.

Agradecemos lhe os enviados para esta redacção.

As sete maravilhas do mundo

(Continuação)

Os jardins de Babylonia

Se dermos crédito a Bêrose que era chaldeu e que parece, mais que nenhum outro, sabido em assumptos da Chaldêa e da Assyria, Nabuchodonosor foi o creadôr dos jardins suspensos. Loucamente apaixonado por uma tal Amytis, filha do rei da Persia, Astiajo, quiz que essa mulher tão amada encontrasse em Babylonia as montanhas verdejantes, as sombras espessas da sua patria e fez-lhe presente delles como dum oasis transportado da Persia.

Vinte e dois seculos depois, um

principe que tambem foi um grande conquistadôr, repetia a amabilidade de Nabuchodonosôr.

Napoleão mandou construir em Compiègne um carramanchão do comprimento de muitos kilometros, imitação fiel dum troço de de Schonbrun, onde Maria Luiza se deleitava a passar as phantasias da sua mocidade.

Quinto Curcio, Diodoro de Sicilia, Philon de Byzancio, descrevem-nos os jardins suspensos. São muito concordes nas suas descripções, mas differem ácerca do ponto exacto que occupavam esses jardins. Seriam contiguos ao palacio principal? Seriam independentes delle, mas proximos? E' o que não podemos dizer com certeza, em vista d'affirmações tão contradictorias.

Os jardins suspensos apresentavam quatro andares que se elevavam a grande altura.

Todos os monumentos da Babylonia, apresentavam esta disposição de terraços sobrepostos.

«Os terraços para os quaes se subia, diz-nos Diodoro, eram sustentados por columnas que, elevando-se gradualmente, de distancia em distancia, supportavam todo o peso das plantações; a columna mais alta de cincoenta covados de altura, (aproximadamente vinte e cinco metros), supportava a parte mais elevada do jardim e estava ao nivel das balaustradas do recinto. Os muros, solidamente construidos com grande dispendio, tinham vinte e dois pés de espessura e cada sahida dez pés de altura. As plata-formas dos terraços eram formadas de pedras cujo comprimento era de dezesseis pés sobre quatro de largo. Essas pedras eram cobertas duma camada de camas misturadas com muito asphalto; sobre esta camada assentava uma dupla fila de tijolos cosidos, argamassados com gesso.

«Estes eram tão cobertos de laminas de chumbo, para impedir a filtração da agua atravez dos nateiros artificiaes e penetrasse nos alicerces. Sobre esta cobertura via-se espalhada uma porção de terra sufficiente para nutrir as raizes das maiores arvores. Aquelle solo ficticio estava cheio de arvores de todas as espécies, capazes de deliciarem a vista pelas suas dimensões e belleza. As columnas elevando-se gradualmente, deixavam pelos intervallos penetrar a luz e davam accesso aos aposentos reaes, numerosos e diversamente guarnecidos. Uma dessas columnas era ôca desde o cimo até á base, continha engenhos hydraulicos que faziam subir do rio uma grande quantidade de agua, sem que ninguem visse nada do exterior».

Alexanôre, já atacado de morte, fez-se transportar, diz-nos Asiano, ás salas que ficavam por debaixo dos jardins. Esperava encontrar alli, na frescura do ar, algum allivio contra a febre que o devorava. Esperança vã; Alexandre estava perdido e alguns

dias depois, exalava o ultimo suspiro no palacio de Nabuchodonosor.

Segundo a tradição de Babylonia, os jardins assentavam em salas abobadadas, muito vastas, onde se encontravam pittorescos trabalhos em conchas, nichos em que as naiades se estiravam encostadas com o cotovello á sua urna que chorava, perspectivas serenamente assombradas, arcadas resplandecentes em que o lago e as suas margens risonhas iam emmoldurar se.

Dos monumentos tão numerosos, tão faustosos de que se orgulhava Babylonia, o que resta? Coisa alguma que apresente delles uma ideia.

Hoje Babylonia não possui nada que seja digno do seu grande nome.

(Contiuua)

CURIOSIDADES

Reprodução sobre o vidro duma gravura impressa a tinta typographica.

Para reproduzir sobre o vidro uma gravura ou um desenho qualquer impresso a tinta typographica, faz-se o seguinte:

1.º Cobre-se duma camada de verniz de pintor a superficie do vidro em que se deve fazer a reprodução; quando o verniz está secco, dá-se-lhe segunda camada do mesmo.

2.º Humedece-se a gravura ou o desenho mettendo-a entre dois pannos molhados; torna-se a enxugar entre dois pannos secos de maneira que não deixe á folha impressa senão uma ligeira humidade;

3.º Applica-se o lado da gravura sobre o vidro e aperta-se com cuidado toda a extensão do papel com um trapo de linho, afim de que a gravura adhira perfeitamente ao vidro em todas as suas partes; deixa-se seccar durante 3 ou 4 horas;

4.º Com uma esponja humida comprime-se o papel para o humedecer; quando se reconhece que elle está embebido de humidade, separa-se com a mão o desenho; com todos os seus contornos, fica nitidamente reproduzido sobre o vidro, mas ao inverso do que estava no papel.

5.º Espera-se cerca duma hora, passa-se a ultima camada de verniz e deixa-se seccar. Os desenhos mais delicados podem assim ser reproduzidos sobre o vidro e servir para projecções.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — *Olimpia C. C. N.* (Agosto de 1908).

O horoscopo é bom, relativamente. Fundamenta-se todo nas bem equilibradas faculdades da consulente. Leal, honesta e moderada em todos os actos da sua vida, Olimpia deve ser uma esposa exemplar e admiravel mãe de familia. Sobre estes pontos ha apenas a aconselhar-lhe que não se excêda, mêmso na virtude; amar demais um homem, apesar da sociedade ter dado licença para isso, é um erro crasso: o sentimento nobre pode transformar-se em paixão e com ella virem as tempestades da vida ferir-nos sem piedade sempre impetuosamente.

Ha tambem no caracter de V. Ex.^a alguma qualidade má, que merece reprimenda: é o desejo de rir de tudo, de zombar de tódos, de *maugar com a tropa*, como se diz em portuguez. É um temível defeito de que deve emendar-se. Como V. Ex.^a gosta de passear nas florestas sombrias e subir altas montanhas, recommendo-lhe que o faça a miudo, passeie em vez de criticar o proximo e, demais, esse exercicio faz-lhe bem ao pulmão.

Se Olimpia se não casou aos 17 annos, casar-se-ha aos 23 ou 24.

Tudo que fôr quente será prejudicial á pessoa a quem estou respondendo.

Hade enviuar. O segundo marido merecerá a V. Ex.^a mais consideração que o primeiro. Os filhos que Deus lhe der serão a causa da sua felicidade na velhice. Sim, Olimpia morrerá velha.

G. C.

Consulente: — *Antonio A. N.* (Agosto de 1908)

Todo o perigo para o consulente consiste na volubildade do seu caracter, no desejo ardente de possuir hoje isto e, satisfeita a ambição, desprezar o objecto ambicionado. Veja se pode corrigir-se neste sentido, apesar de eu conhecer que o meu pedido é difficil de ser executado, por que as más qualidades que lhe aponte são o fundamento moral do consulente. A grande tensão nervosa de seu espirito e a superabundancia imaginativa podem produzir-lhe neurasthenia e mêmso a loucura, se não tiver o cuidado de evitar a explosão. O Snr. será sempre um daquêles homens de quem os seus compatriotas dizem que *não deixam o credito por mãos alheias*.

Será pois um gabaróla, mas terá de que gabar-se porquanto será intelligente e estudioso. Apesar de amavel, dedicado e sempre pronto a prestar serviços, terá muitos amigos pessoas que hão-de invejal-o e escarnecê-lo. Mêmso entre familia encontrará patifes que hão-de atraiçal-o ou, pêlo mênos, tentarão fazê-lo. A verdadeira causa de tamanha guerra será, em verdade, a seguinte:

Terá um esplendido emprêgo, nêlo gosará de credito quasi ilimitado e, alem disso, será, de todos os seus parentes chegados, aquêle que hade fazer melhor casamento. Está a vêr que invejinhãs e mandrices lhe roerão a caixa da existencia. — Terá a vista curta, gostará da pinga e morrerá aos oitenta annos vitimado por uma apoplexia.

G. C.

Consulente: — *Berta de S. V.* — Agosto de 1908.

Economica, arranjada, pensadora, administrando corrétaamente sua pessoa e bens, a consulente está em perigo de, exagerando estas boas qualidades,

cair na avarêza sordida, que é o peor de todos os defeitos.

As suas limitadas faculdades intellectuaes, o seu espirito pesado e pouco desejoso de aprender, de instruir-se, tudo acompanhado de muita ingenuidade, leval-a-hão a ser enganada e ludibriada por quem quer se lembre de divertir-se á sua custa. O seu fisico será gracioso e apeteçivel. Hade receber constantemente provas de que os homens simpatizam consigo, isto é, serão vinte cães ao osso do seu amor. Ora V. Ex.^a não é mulher de excessos, nem de profundas paixões; *o teu amor e uma cabana* é para a consulente uma frase ôca, no que lhe acho muita rasão, e por tanto hade escolher com o seu instinto de mulher pouco intelligente, o marido que mais lhe convier e, hade acertar. Casada, occupará um logar distincto na sociedade. Amará o isolamento e a vida campestre. Seu marido hade amal-a profundamente, V. Ex.^a amal-o-ha apenas por que é a sua obrigação.

De resto, a sua grande amatividade guardal-a ha para seus filhos dos quaes será mãe exemplar.

A consulente será casta, honesta, timida e engraçada a falar. Não será maldizente e fará o bem que pudêr. A's vêzes, zangar-se-ha sem mesmo saber porquê, mas a irritação passar-lhe-ha rapidamente. — Tem mais de pomba que de aguia. — Não faz mal.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

VARIEDADES

Bolo a patuleia. — Pesem-se dois ou mais ovos com a casca e tome-se o mesmo peso de manteiga, farinha e assucar. Partem-se depois os ovos e batem-se as gemmas com o assucar, deita-se-lhe depois a manteiga e a farinha e bate-se tudo bem batido. Depois batem-se as claras á parte e quando estiverem com espuma, misturam-se com o que já se disse. Bate-se novamente e depois vão ao forno quando estiver bem quente, em lata untada de manteiga.

Cumulos

Ser multado por um guarda-pó.

Apresentar armas de veado

Da força: levantar o *Chaby* ao ar.

Dormir num quarto d'hora.

Namorar a sopa Juliana.

Semana Alegre

Conheço tres occupações muito aborrecidas, dizia um bohemio.

— Eu só conheço uma, respondeu-lhe um amigo;

= Qual?

— A de cada um!...

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**

**O GRANDE CONCURSO
DA 4.ª SERIE**

Lista dos premios

- 1.º — Um serviço de jantar, em porcellana;
- 2.º — Um estojo com escovas em prata;
- 3.º — Uma doceira;
- 4.º — As quatro series do AZULEJOS encadernadas em percalina;
- 5.º — Uma assignatura para a 5.ª serie.

Condições do Concurso

- 1.º — Decifrar, durante os 15 numeros da 4.ª Serie, maior numero d'artigos alem de 150.
- 2.º — Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, augmentando-lhe o prazo, assim:
Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervallo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.
- A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.
- As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Decifradores

DOM
N.ºs 53, 54 e 55

Achaf Oilerua-N.º 54, 5 — Zé João-N.º 53, 11; 54, 10; 55, 9 — (30) — João da Cidade-N.º 53, 5 — Negrão-N.º 53, 3; 54, 3; 55, 4; — (10) — Açnarepse-N.º 53, 10; 54, 6 — (16) — Ziram-N.º 53, 13; 54, 12; 55, 12 — (37) — Um conimbricence-N.º 53, 13; 54, 12; 55, 13 — (38) — Livó-N.º 53, 9; 54, 6; 55, 8; — (23).

Decifrações

Do numero 53

Tutupu-Otto-Bubo-Demanda-Não houve pae desperdiçado que não tivesse filho aproveitado-Saúdo os «Azulejos»-Grandella-Superfiso-Macrocosmo-Aratanha-Cavallo-Sogra-Pombo.

Do numero 54

Keikei-Leopardo-Sees-Titi-Mandioca-Abo, aba-Casaria-Topada-Rala, ralo, orla-Barra roxa em sol nascente, agua em tres dias, não mente-O casmento e a mortalha no ceu se talha-Aristophanes.

Do numero 55

Rigodão-Eiroga, oirega-Renego do amigo que cobre com as azas e morde com o bico-Basta de andar chão para mim e meu irmão-Airo-Bagatela.
Fugi andorinhas para mais longas plagas Buscae outras aguas, florestas e céu

Que é triste o vagido que saltam as vagas
É um vento presago nos bosques gemeu.
Catamarão, camarão-Margarida-Alamure
-Terges, erges-Cara, carão-Fonta Delgada, Angra do Heroismo, Horta, Machico, Lagens das Flores, Porto Moniz, Lagens do Pico, Funchal.

Charadas

Este homem é um facinora-2
Mas eu só o digo a ti-1
Que não vale a terça parte
Do lindo rancho que vi.

RAMITO

Diz primeira ser cidade-1
Em Napoles segunda tem-1
Juntas ellas um tambór.
Vá dizer... matou alguém.

D. ALICE PAES

Novissimas

O cordeirinho foi comido pelo tigre junto a uma palmeira-3-2.

TILIÃO

Ví este homem quando o anno passado fiz uma viagem da Polonia para uma provincia da Turquia-3-2.

D. FUFIA

Syncopada

3-A ave tem um instrumento-2.

PANASCAS

Truncada

3-A armadilha da ave 2.

ZÉ QUITOLES

Augmentativa

O aparelho está n'esta terra-2.

UM ESTREMOCENSE

Metamorphose

O paiz do jogo-2 (C-S)

ZÉ QUITOLES

Em phrase

A mulher está na ilha-4.

A. B.

Acrostico

Dedicado ao meu amigo

J
O
S
E
M
A
N
T
U
A

Actores portuguezes

BAPDIN JUNIOR

Enygmata

Por iniciaes

M Q O V Q M L Q O M Q M A
2 2 1 2 1 1 2 1 1 2 1 1 3

JOÃO DA CIDADE

R Letra apostro um peccado
R lica-la mortal-ra S.

D. ALICE PAES

Artigos a decifrar, 12.

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
 CLINICA GERAL
 Das 3 às 5—Rua da Palma, 133, 1.^o

ANAOLETO DE OLIVEIRA +++++
 MEDICO-CIRURGIÃO
 Rua S. Vicente á Guia, 22, 1.^o

Aluga-se

Grande Deposito

DE

MOVEIS DE FERRO

E

Colchoaria

DE

JOSE A. DE C. GODINHO

54, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 56-Lisboa

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E LEITORES

Esta redacção encarrega-se de mandar encadernar a 1.^a, 2.^a e 3.^a Serie do AZULEJOS, em panno chagrin, cabeçalho e lettras douradas, ou qualquer côr á escolha do interessado, pela modica quantia de

600 RÉIS

A mesma encadernação em percalina

750 Réis

Os pedidos devem ser feitos a esta redacção, acompanhados da respectiva importancia.

Para as provincias augmenta o porte do correio.

PIANO

Propriedade do Azulejos

A gentil

Bertha Martins

VALSA

BERTHA

Guilherme Costa

The musical score is written for piano and consists of ten systems of staves. The first system is a grand staff with treble and bass clefs. The second system is a grand staff with bass clefs. The third system is a grand staff with bass clefs. The fourth system is a grand staff with treble and bass clefs. The fifth system is a grand staff with treble and bass clefs. The sixth system is a grand staff with treble and bass clefs. The seventh system is a grand staff with treble and bass clefs. The eighth system is a grand staff with treble and bass clefs. The ninth system is a grand staff with treble and bass clefs. The tenth system is a grand staff with treble and bass clefs. The score includes various musical notations such as notes, rests, clefs, and dynamic markings like 'ff' and 'f'. There are also some handwritten annotations and a signature 'Jorgito' at the bottom left of the page.